

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3

Edwaldo Costa
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3

Edwaldo Costa
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaió – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação 3 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-206-4

<https://doi.org/10.22533/at.ed.064212906>

1. Comunicação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II.
Título.

CDD 302.2

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos aos nossos leitores mais um volume do e-book Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação 3. Como sempre, nossa obra traz um conjunto de contribuições voltadas a diferentes áreas do universo comunicacional. Neste e-book, apresentamos 17 capítulos de 31 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada.

A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”. Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens.

Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer desordenada. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos, a pandemia de Covid-19 no mostrou isso.

Como dito, o livro, trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre a comunicação, as concepções de linguagem, as redes sociais, o jornalismo, a violência contra a mulher, as mídias independentes brasileiras, o novo normal, o consumo midiático, algoritmos no Facebook, as *fake news*, a pandemia, *brand persona*, os canais infantis de meninas influenciadoras no Youtube, os dispositivos educativos não-formais aliados ao percurso acadêmico de estudantes de jornalismo, o cinema, o letramento digital, a Educomunicação, a gestão de conhecimento, a Comissão da Verdade, *Star Wars*, a ficção seriada, o Método Kominsky, o futebol, a Guerra Ameríndia, as contribuições do professor Renato Cordeiro, entre outros.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa para a comunidade científica e profissionais da área. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Sabemos ainda, o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

“UM VÍRUS E DUAS GUERRAS”: COVID-19 E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PAUTA DE DUAS MÍDIAS INDEPENDENTES BRASILEIRAS

Sônia Maria dos Santos Carvalho

Vitória Sousa Pilar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129061>

CAPÍTULO 2..... 17

O NOVO NORMAL MEDIADO PELO CIBERESPAÇO - A INTENSIFICAÇÃO DO USO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS

Monica Costa Arrevabeni

Aline Costalonga Gama

Mauriceia Soares Pratissolli Guzzo

Mauricio Soares do Vale

Carlos Henrique Medeiros de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129062>

CAPÍTULO 3..... 31

PRÁTICAS DO CONSUMO MEDIATEZADO SOB A LÓGICA DOS ALGORITMOS NO FACEBOOK

Pedro Arthur Nogueira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129063>

CAPÍTULO 4..... 43

UNIVERSIDADES NO FACEBOOK: UMA ANÁLISE NO FORMATO E NATUREZA DAS PUBLICAÇÕES

Pedro Farnese

Janete Monteiro Garcia

Ivete Maria Soares Ramirez Ramirez

Meena Anjali de Falleiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129064>

CAPÍTULO 5..... 56

MAGAZINE LUIZA: ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DA *BRAND PERSONA* LU NO INSTAGRAM

Bianca Johanny dos Santos Lima Assunção

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129065>

CAPÍTULO 6..... 70

BRINCADEIRAS DE CRIANÇA E GANHOS DE ADULTOS: PUBLICIDADE E CONTEÚDO MARCÁRIO E OS CANAIS INFANTIS DE MENINAS INFLUENCIADORAS NO YOUTUBE

Karla de Melo Alves Meira

Daniel Dubosselard Zimmermann

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129066>

CAPÍTULO 7	85
DISPOSITIVOS EDUCATIVOS NÃO-FORMAIS ALIADOS AO PERCURSO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO: O PAPEL INTEGRATIVO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES NO CONTEXTO DAS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS	
Ana Luisa Zaniboni Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129067	
CAPÍTULO 8	98
“PASTOR CLÁUDIO”: MEMÓRIA EM QUESTÃO NO CINEMA E NO JORNALISMO	
Gilmar Hermes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129068	
CAPÍTULO 9	110
O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O MEDO E A ORDEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Marise Baesso Tristão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0642129069	
CAPÍTULO 10	122
COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL: POSSÍVEIS DIÁLOGOS	
Madilei Rotta da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290610	
CAPÍTULO 11	132
COMUNICAÇÃO, CONFLITOS E MEDIAÇÃO: APORTES DA PRÁXIS EDUCOMUNICATIVA NO COTIDIANO ESCOLAR	
Marciel Aparecido Consani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290611	
CAPÍTULO 12	145
GESTIÓN DEL CONOCIMIENTO DE LA VERDAD. UN MARCO CONCEPTUAL PARA LAS COMISIONES DE LA VERDAD	
Mario Fernando Guerrero-Gutiérrez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290612	
CAPÍTULO 13	162
STAR WARS: QUANDO A FORÇA ESTÁ NA ALMA DE UMA MARCA	
Janaina de Holanda Costa Calazans	
Gabriela Rocha Barros Coelho	
Georgina Venâncio de Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290613	
CAPÍTULO 14	177
FICÇÃO SERIADA E O ENCONTRO COM A MORTE: A FINITUDE EM <i>O MÉTODO KOMINSKY E OS EXPERIENTES</i>	
Tatiana Siciliano	

Valmir Moratelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290614>

CAPÍTULO 15..... 190

GUERRA AMERÍNDIA E FUTEBOL: DOIS MODELOS DE CONFLITOS SOCIÁVEIS

Leticia Moutinho Palis

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290615>

CAPÍTULO 16..... 204

REPERTÓRIO HISTÓRICO LINGUÍSTICO DO FUTEBOL BRASILEIRO E PORTUGUÊS

Edwaldo Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290616>

CAPÍTULO 17..... 217

RENATO CORDEIRO GOMES E SEU LEGADO: POR UMA CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS DA CIDADE

Aline da Silva Novaes

Fabiana Crispino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.06421290617>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 230

ÍNDICE REMISSIVO..... 231

GUERRA AMERÍNDIA E FUTEBOL: DOIS MODELOS DE CONFLITOS SOCIÁVEIS

Data de aceite: 21/06/2021

Leticia Moutinho Palis

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ), Escola de Comunicação.

Rio de Janeiro – RJ

<http://lattes.cnpq.br/3206868125233382>

RESUMO: A ideia central dessa pesquisa é estabelecer uma comparação entre o futebol - enquanto esporte que engendra momentos de sociabilidade ritualizada entre a massa popular brasileira, canalizando emoções e valores -, e a simbologia da guerra ameríndia, cujos elementos principais - como a ritualização das incursões guerreira e a tradição antropofágica de tratamento do inimigo - tinham uma função sociável e irradiadora no seio dessas sociedades indígenas. Com base nisso, o que foi possível verificar vai além de uma “coincidência forjada”: tudo indica que o clima conflitivo presente em todos os aspectos da dinâmica futebolística parece apontar para a *atualização* de certas disposições das sociedades ameríndias, como efetivos mecanismos de articulação social. E, ainda, que essas são tendências latentes na nossa sociedade, incessantemente reproduzidas e recicladas, pois fazem parte da própria essência do povo brasileiro; cujos integrantes, ao se definirem como torcedores, garantem acesso a formas de sociabilidade mais complexas. Essa forma de socialização, fundamentalmente agressiva e passional, assegura a efervescência

comunitária e a manutenção da tradição torcedora, de forma semelhante aos recursos empreendidos entre os ameríndios. Em ambos os casos, a guerra - literal ou metafórica - cumpre uma verdadeira função social, mediando as relações de uma coletividade, mas também o relacionamento com o “sobrenatural” em cada cultura.

PALAVRAS - CHAVE: Guerra Indígena; Sociabilidade; Futebol; Dinâmica torcedora.

BRAZILIAN SOCCER AND AMERINDIAN WAR: TWO MODELS OF SOCIABLE CONFLICTS

ABSTRACT: The fundamental basis of this research is making a comparison between the soccer dynamic - whilst a sport that engender ritualized moments of mass sociability into the Brazilian society, channelling emotions and values -, and the symbology of Amerindian war, which main elements - as the ritualization of the warrior inroads and the anthropophagic tradition of treating the enemy - also had a social and spreading role within these societies. Based on this, what is verifiable goes further than a “forged coincidence”: all indications point that the conflictive atmosphere in each aspect of the football dynamic aim to refresh some dispositions of the Amerindian culture, as effective engines to social articulation. Furthermore, the proposal is that we are dealing with potential trends in Brazilian society, unceasingly reproduced and recycled, because they are part of the essence of Brazilian people; whose members, by defining themselves as team supporters, ensure access to more complex forms of sociability. This

sociability, mediated by passion and aggression, ensures collective effervescence and the maintenance of the crowd culture, like the features waged among the Amerindians. In both cases, war - in its literal or metaphorical version - truly fulfills a social function, brokering relationships into some collectivity, but, also, their relations with the “supernatural” of each culture.

KEYWORDS: Amerindian War; Sociability; Soccer; Soccer crowds’ dynamic.

1 | INTRODUÇÃO

A proposta desse trabalho é compreender como a guerra e a belicosidade podem compor arranjos de sociabilidade em dinâmicas em que o conflito é vivenciado como um fenômeno do próprio devir humano. As dinâmicas que aqui procuramos investigar são as culturas guerreiras dos povos Tupinambá e Araweté, e a cultura “guerreira” das torcidas de futebol no Brasil, que configuram uma parte essencial da identidade nacional.

De um modo geral, dois fatores foram indispensáveis para o desenvolvimento dessa pesquisa, que foram o apoio financeiro do CNPq e a orientação da professora Simone Perelson - que atualmente leciona no Instituto de Psicologia e na Escola de Comunicação da UFRJ. Essa produção acadêmica é resultado do meu segundo ano no programa de Iniciação Científica, período no qual pude desenvolver uma pesquisa autoral, e de acordo com um tema do meu interesse particular. Ao CNPq e à Simone, meus mais sinceros agradecimentos, pela imprescindível assistência, e por constituírem o veículo que possibilitou meu ingresso no campo da pesquisa acadêmica.

2 | GUERRA E SOCIALIZAÇÃO

Em “A Sociedade contra o Estado” (1988), Pierre Clastres evidencia como a noção de poder e a posição de liderança nas sociedades primitivas se diferenciam do conceito ocidental de poder coercitivo. Segundo o autor, o líder “selvagem” significava um mero instrumento de realização das ambições coletivas, e todas as características das relações sociais dentro dessas sociedades destinavam-se, justamente, à supressão da possibilidade de emergência de um poder político individual, representado pelo Estado nas sociedades ocidentais. Esse poder integrador – fundado nas demandas da comunidade -, mas que recusava vigorosamente a unificação das necessidades do grupo em torno de uma instituição estatal, também regia as próprias relações guerreiras internas e externas. É verdade que Clastes salienta que “a preparação e a condução de uma expedição militar são as únicas circunstâncias em que o chefe pode exercer um mínimo de autoridade” (1988, p. 201), mas o chefe militar, era desde o princípio, um chefe efêmero, e, quando conduzia um combate, tinha a função consecutiva de colocar em movimento todos os mecanismos que dinamizavam essas sociedades. Aliás, a guerra também é entendida pelo autor como um meio de fragmentação das tribos em unidades autônomas e diferenciadas, refletindo essa tendência instintiva de recusa da homogeneidade. De acordo com Clastes:

A propriedade essencial (que diz respeito à essência) da sociedade primitiva é ela exercer um poder absoluto e completo sobre tudo que a compõe, é proibir a autonomia de qualquer um dos sub-conjuntos que a constituem, é manter todos os movimentos internos, conscientes e inconscientes, que alimentam a vida social, nos limites e na direção desejados pela sociedade. A tribo manifesta entre outras (e pela violência se necessário for) a sua vontade de preservar esta ordem social primitiva, interditando a emergência de um poder político individual, central e separado. (1988, p. 205)

Florestan Fernandes, por sua vez, analisará a centralidade da guerra na sociedade tupinambá como um fenômeno sociável por excelência. Entre os tupinambá, a guerra atuava como uma verdadeira instituição, alimentando tanto as estruturas relacionais quanto a cosmologia religiosa do grupo. As atividades guerreiras constituíam, portanto, um *movimento cultural*, no qual a religiosidade tinha o efeito de despertar emoções grupais e coletivizar valores, como o nomadismo, a conquista de novos espaços, a honra guerreira e a lealdade absoluta. Sobre a relação dialética da religiosidade e da guerra entre os tupinambá, o autor aponta que “as atividades mágico-religiosas fomentavam tensões intertribais, operando como uma fonte permanente de conflitos entre grupos hostis circunvizinhos” (2006, p. 376). E, ainda, que

A guerra constituía um substrato da religião tribal, sendo uma de suas determinações ou, em outras palavras, um *instrumentum religionis*; mas, graças a esta conexão, ela se tornava, reciprocamente, uma das determinações da religião tribal. A guerra se realizava para e através da religião tribal: ela não possuía uma essência própria. Sua realidade anímica constituía uma consequência da função dos valores religiosos na formação da personalidade masculina. [...] O exercício ou não das atividades guerreiras, bem como a intensidade e o volume das mesmas, e o grau de consciência social da importância delas na vida prática dependiam da natureza das obrigações religiosas, atribuídas socialmente aos indivíduos, em cada época de sua vida, através do sistema de categorias de idade. (FERNANDES, 2006, p. 181)

Florestan Fernandes (2006) assinala que, de um modo geral, os tupinambá eram um povo inteiramente voltado para a guerra: seus rituais, festividades, e até mesmo as regras de conduta eram organizados tendo em vista a manutenção das ações guerreiras. Assim, os tupinambá mantinham relações de inimizade com praticamente todas as tribos do seu entorno social, incluindo comunidades como as dos tupiniquim, dos tabajara, dos carijó, dos tupiná, dos caeté, dos potiguar e etc. (FERNANDES, 2006, p. 54). Cada um desses povos era excitado pela vingança pelos seus antepassados, pelo domínio de novos territórios e pelo propósito de atingimento do sagrado através da canibalização do inimigo, demonstrando que a guerra era, nas sociedades indígenas que habitavam o Brasil, uma tendência generalizada. Para essas sociedades, constantemente ameaçadas pelas comunidades rivais circundantes, manter um forte vínculo social interno era de extrema importância para a conservação da vida tribal. A prática da guerra colocava-se, então, como possibilidade de engrandecimento espiritual e reprodução da vida coletiva pelo indivíduo

singular, já que os tupinambá eram socializados para a belicosidade desde a mais tenra idade, como esclarecido no fragmento a seguir:

Na realidade, poder-se-ia dizer que os tupinambá nasciam sob o signo da guerra e que a integração dos recém-nascidos à sua parentela e à tribo envolvia um compromisso guerreiro. Antes de se tornar consciente desse fato, o indivíduo já suportava o peso de uma herança de ódios e de votos de vingança. (FERNANDES, 2006, p. 186)

Essa rivalidade generalizada, entretanto, também evidencia as relações de reciprocidade estabelecidas entre as diversas tribos em guerra. Como os inimigos constituíam os mediadores entre o grupo e a comunicação com o sobrenatural, “as relações sacrificais eram, por sua natureza, relações circulares” (FERNANDES, 2006, p. 350).

Viveiros de Castro (2002), ao discorrer sobre os Araweté - grupo da Amazônia oriental, que, como os tupinambá, fazem parte do tronco linguístico Tupi - também ressalta a importância determinante da antropofagia na mediação entre o grupo e o seu mundo mágico-religioso, o que claramente passava pelo consumo, ou, mais especificamente, pela absorção do elemento inimigo. De acordo com o autor, o conceito de “diferente” ou de “diferença” assumia, então, nas sociedades ameríndias, uma condição específica (e, no caso dos Araweté, uma condição *superior*) de afinidade, simbolizada pela prática da antropofagia. Sintetizando esse pensamento, Viveiros de Castro pontua que “afinidade e canibalismo são os dois esquematismos sensíveis da predação generalizada, que é a modalidade prototípica da Relação nas cosmologias ameríndias” (2002, p. 109). Essa definição nos leva, igualmente, à conclusão oposta de que a própria predação - tanto no canibalismo como no caça - adquiria um sentido de intercâmbio social, ou, mais precisamente, de uma *combinação* entre duas almas. Para melhor compreensão do pensamento cosmológico ameríndio, é interessante ressaltar a seguinte passagem:

A animalização do inimigo latente no complexo bélico-venatório depende de uma primeira, e bem mais fundamental, humanização do animal. Para dizê-lo rapidamente: na Amazônia indígena, as relações entre humanos e não-humanos, “sociedade” e “natureza”, não são concebidas como relações naturais, mas como relações elas mesmas sociais. Guerra e caça são, literalmente, um mesmo combate: um combate entre seres sociais, isto é, entre “sujeitos”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 200)

Não se deve, no entanto, circunscrever a guerra e o canibalismo em uma simples relação de troca. Carlos Fausto (1999) propõe definir a guerra em um conceito de “consumo produtivo”, como um fenômeno que articulava a estruturação de novos sujeitos a partir da morte do inimigo, que deveria ser aniquilado em um conjunto de processos rituais. De acordo com Fausto (1999, p. 270), “a maquinaria ritual visava tornar público e socializar o homicídio, transferindo o ato isolado no campo de batalha para a esfera coletiva”. E é por sua condição plenamente pública de produção de novas identidades, que a guerra ameríndia pode ser entendida como um caso particular de “sociabilidade conflituosa”.

Ademais, pode-se compreender, através dos estudos sobre a antropofagia, como os próprios relacionamentos com o inimigo – ou com o contrário, com o *outro* - estavam inseridos dentro de um domínio sociável. É importante assinalar que o inimigo não era imediatamente abatido após sua captura em um combate. Como os efeitos da sua morte deviam ser socializados, o cativo passava por uma série de rituais preparatórios para que pudesse ser consumido pela comunidade sem acarretar efeitos adversos. Dito de outro modo, isso significa que o inimigo, antes de ser morto, devia ele próprio ser integrado e socializado à sociedade que o capturou. Por essa razão, os rituais de tratamento do inimigo, na sociedade tupinambá, procuravam gradualmente despersonalizar o guerreiro cativo, de modo a despi-lo de seus elementos hostis e acentuar sua posição de prisioneiro diante da tribo. Florestan Fernandes separa os rituais de tratamento do inimigo entre os tupinambá em seis etapas básicas:

Do ponto de vista analítico, essas cerimônias podem ser reduzidas a seis categorias fundamentais, mais ou menos interpenetradas: a) ritos de separação da vítima; b) ritos de inculpação da vítima; c) ritos de preparação da vítima; d) ritos de captura simbólica da vítima; e) ritos de vingança simbólica da vítima; f) ritos de execução. Como foi visto, a conversão do cativo em vítima promovia a sua integração à comunidade dos captores. Para que o sacrifício pudesse ser consumado, era preciso: 1) desligar o escravo do “nosso grupo”; 2) atualizar as suas ligações com o espírito a quem o massacre seria consagrado. (2006, p. 303-304)

Já entre os araweté, grupo indígena estudado por Viveiros de Castro, os fenômenos rituais de tratamento da vítima “vão da alteridade mortífera à identidade fusional” [2002: p. 273]. Ou seja, eram ritos que previam a integração literal entre matador e inimigo, até que ambos efetivamente se confundissem e alcançassem o paraíso como um espírito superior, maior ainda que seus próprios deuses (os Maĩ). Pois, para os araweté, ainda que os Maĩ fossem tidos como poderosos, nessa sociedade os deuses eram, ainda, ambigualmente considerados como seres retrógrados (caracterizados por um sentimento de solidão, ou, mais especificamente, pela falta de um componente estranho). Logo, ao executar e alimentar-se de um inimigo, o guerreiro araweté confirma a presença de um elemento estranho em seu espírito e pode tornar-se um Iraparadĩ. Viveiros de Castro explica que “um Iraparadĩ, a alma de um matador araweté acrescida de seu suplemento inimigo, não é devorado pelos deuses. Ele passa diretamente ao banho de imortalidade, transformando-se em um ser incorruptível sem passar pela prova da morte canibal” (2002, p. 196).

3 | DOIS MODELOS DE CONFLITOS SOCIÁVEIS

Após essa introdução sobre alguns aspectos fundamentais da guerra nas sociedades ameríndias, procuramos apontar um paralelo entre alguns elementos básicos do futebol e alguns aspectos da cosmovisão guerreira dos povos indígenas. Dessa forma, temos que, inconscientemente, esse esporte utiliza os mesmos recursos de mobilização das

tensões coletivas e manutenção da cultura que sustentavam as comunidades indígenas. Defendemos, então, o ponto de vista de que a dinâmica belicosa, em ambos os casos, constitui um mecanismo de integração por grupos que estão, imaginária ou realmente, constantemente ameaçados dentro de um contexto social. Assim como na conjuntura apresentada sobre os povos originários, os times de futebol também são continuamente confrontados; não só pelos seus múltiplos rivais, como também pela corrupção interna do clube, pelo poder político, pelas regras da Confederação Brasileira de Futebol, entre tantos outros. No entanto, essa “reação” está longe de configurar uma atuação defensiva: ao contrário, as manifestações torcedoras têm como característica principal a ação ativa e a exaltação das massas historicamente dispersas. Além disso, é notório como a atuação e os recursos de agrupamento dentro de uma torcida se dão através do apelo a um passado comum do grupo; mas, em última instância, a ação das torcidas organizadas demonstra que a permanência da tradição coletiva requer um intenso comprometimento afetivo e combativo entre todas as partes do conjunto que forma uma torcida.

Ainda, o forte potencial de identificação dramatizado no futebol é outro fator de ritualização presente no esporte. De acordo com Da Matta, o futebol é uma encenação da própria existência cotidiana, ou seja, um jogo que simula a própria vida:

Em outras palavras, existimos literalmente em campos de futebol. Áreas demarcadas por linhas, onde temos espaços sagrados e profanos, pessoas que nos são adversas e gente nossa, irmãos que desejam o nosso sucesso e estão conosco porque vestem nossa mesma camisa e companheiros que jogam contra nós. Temos, ainda, neste enorme campo de futebol da vida, figuras intocáveis a quem devemos obediência e respeito pois detêm o poder de fazer cumprir um conjunto de regras impessoais que se aplicam a todos. (DA MATTA et al., 1982, p. 13-14)

Por essa razão, o fato de a violência ser tão constantemente ressaltada e aflorada nesses momentos de ritualização da massa torcedora remete à centralidade da violência no próprio cotidiano do torcedor. Essa questão é evidenciada por Teixeira (2006, p. 18), quando a autora diz que:

Se os códigos da guerra e da morte estão aí presentes e se mantêm é porque de alguma forma comunicam com especial eficácia as percepções destes torcedores sobre o mundo em que vivem. Não basta dizer que os escolhem porque são violentos. Isto não explica o fenômeno, nem sua permanência, nem sua eficácia. É possível que através do futebol, os torcedores elaborem sentimentos, contradições, vivências que são ali ritualizados.

Assim, é possível inferir que a sociabilidade desenvolvida na dinâmica das torcidas de futebol, que se estende a todos os aspectos do clube, também é fundada pela agressividade. O clube, que simboliza uma coletividade que se reconhece e se diviniza, constitui-se como um espaço altamente democrático, capaz de reunir, sob um mesmo ideal e sob uma mesma bandeira, pessoas das mais diferentes classes sociais, opções políticas e personalidades, e cuja única exigência para adesão é a paixão integral pelo

seu time. No entanto, a *identidade clubística* não se resume ao amor e à tradição: um torcedor é definido também pela rede de antagonismos que reúne, e pelos tensionamentos que resultam quando essas emoções ambivalentes - paixão e rivalidade - são colocadas em prática. Desse modo, pode-se concluir que, de forma similar à guerra ameríndia, a agressividade institucionalizada do futebol é responsável por engendrar um singular processo de sociabilidade dentro da configuração peculiar da sociedade brasileira. Defendemos também o ponto de vista de que o futebol proporciona à sociedade um espaço através do qual a população busca recriar sua história e ressignificar sua realidade de forma heroica e apaixonada. Portanto, se por muito tempo esse esporte foi considerado como “o ópio do povo”, aqui entendemos que sua dinâmica torna-se um importante veículo para a organização popular em torno de fins comuns, principalmente elevando estes fins à esfera da consciência social. Por isso, pode-se dizer que os clubes de futebol são objetos mediadores a partir dos quais uma memória coletiva é “ativada”, e, sabemos, nos países latinos o direito a acessar e reproduzir uma memória é extremamente restrito. De acordo com Roberto Da Matta (1982, p. 21):

Sigo de perto aquela conhecida e profunda reflexão de Clifford Geertz (1973) segundo a qual o rito (e o drama) seriam um determinado ângulo de onde uma dada população conta uma história de si mesma para si própria. O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir.

Tendo isso em vista, verificamos que as manifestações culturais das agremiações torcedoras organizadas evidenciam que “o engajamento voluntário dos sujeitos em um risco de morte é o mecanismo ao qual recorrem para enfrentar a angústia diante de um mundo desprovido de proteção (...)” (PERALVA, 1996, s/n). Além disso, Roberto Da Matta e Luiz Henrique Toledo salientam a existência de uma sociabilidade pautada na constante busca pela heterogeneidade das relações sociais, como exposto a seguir:

O que esta sociabilidade engendrada pelo futebol realiza no âmbito das relações torcedoras consiste numa disputa onde preponderam as relações pautadas por uma concepção que praticamente exclui a existência “do mesmo”, uma vez que a rivalidade é sempre alimentada em algum nível, dado o gradiente de comprometimento, fidelidade e paixão, estoque simbólico de cada um, socialmente legitimado, exposto nas horas das disputas verbais. O que não exclui até mesmo contendas entre torcedores do mesmo time [...].(TOLEDO, 2000: p. 279)

A visibilidade da possibilidade da ação organizada de massas; a valoração dos clubes (e a representação de sua ancoragem social) e sua simbologia; a clareza da divisão do estádio e sua relativa homologia com a divisão da sociedade nacional; a valoração do ataque e a ideologia da vitória; a presença da ideologia do machismo e da violência no universo de representação do torcedor; os apupos da torcida a símbolos do poder e os alvos escolhidos para seus aplausos. Tudo isso parece apontar para uma visão crítica que busca antes a divisão, a não-homogeneidade, o desequilíbrio, a negação do

poder, o que propicia, enfim, as condições de possibilidade de uma ideologia da transformação [...] (DA MATTA et al., 1982, p. 57)

Nesse sentido, retomamos o pensamento de Pierre Clastres para expor como o futebol, ao compor uma ordem que recusa a homogeneidade de todas as formas, também procura obstruir o aparecimento de um poder individualizado. Portanto, se as sociedades ditas “primitivas” eram, segundo Clastres, caracterizadas pela ausência e negação do Estado, e pela mobilização de todos os aspectos da vida social em torno dessa recusa, as torcidas organizadas de futebol também se organizam como uma sociedade sem classes.

As torcidas jovens são agrupamentos sociais urbanos que se popularizaram a partir dos anos 60, num período que coincidiu justamente com o tensionamento sócio-político da sociedade brasileira, devido à instauração da Ditadura Militar. Constituindo instituições de administração das emoções coletivas pelo clube, as torcidas organizadas configuram associações espontâneas que dramatizam a vida em sociedade e fornecem uma rede de sociabilidade principalmente juvenil no meio urbano (TEIXEIRA, 2006, p. 01). Os torcedores são especialmente motivados por impulsos ardentes, canalizados na busca pelo êxtase coletivo, e tratam cada confronto do seu time como uma verdadeira guerra. Logo, se os embates no futebol representam a dinâmica da própria vida, quer dizer que, nesse contexto, ocorre a dramatização da existência cotidiana segundo o entendimento de que a própria vida é movida por sentimentos agonísticos. De acordo com Luiz Henrique Toledo (2010, p. 183):

[...] as TOs reproduzem todos os sucessos e fracassos das formas institucionalizadas que conformam aquilo que se define como “sociedade”, e nenhum dos aspectos escapam a elas: burocracia, hierarquias estabelecidas (mando e obediência), lógicas de distinção, comprometimentos políticos com projetos coletivos próprios ou negociados com outros atores, parlamentarização das relações e violência instrumental.

Essa vida social reproduzida pelas torcidas jovens, motivada pela busca por agregação social, sem, no entanto, promover a homogeneização dos elementos que a constituem, confere um sentido ordenado à existência coletiva, passando pelo indispensável papel ativo de cada indivíduo singularmente compreendido. Infere-se, então, que as associações torcedoras são capazes de romper com as estruturas de privilégios que fundamentam as distinções morais na sociedade brasileira (DA MATTA, 1997). É claro que, no interior desses agrupamentos, o surgimento de hierarquias e de estruturas de comando são inevitáveis, como, inclusive, já foi exposto anteriormente nesse trabalho. No entanto, as distinções moralizantes que emergem nas agremiações não servem para demarcar uma diferenciação opressiva, mas justamente para alimentar a reprodução da vida social, o que se exprime no sentimento geral de solidariedade orgânica entre o grupo.

4 | RITUAIS DE TRATAMENTO DO RIVAL NA DINÂMICA TORCEDORA

As manifestações torcedoras, dentro e fora dos estádios, constituem elementos-chave para a compreensão da ritualização das relações sociais no futebol, tanto com o semelhante como com o inimigo. Já ressaltamos que a constituição de uma torcida organizada perpassa pelo mecanismo de acolhimento do Outro; porém, é interessante constatar como os rivais também são constantemente enfatizados nos cantos de guerra, bandeiras, faixas, etc. Ainda que as conjurações do inimigo sejam destinadas à desmoralização, em investidas que visam à “derrota psicológica” do oponente, percebemos como o Outro – em sua posição de extrema alteridade - é colocado como um componente imprescindível na formação da identidade clubística. Portanto, concordamos com Toledo quando o autor salienta essa questão no trecho abaixo:

Identidade aí seria concebida como experiência compartilhada, algo que surge da relação do nosso eu com outras subjetividades, e seria da tensão entre subjetividades que nasceria alguma forma de relação identitária. (2010, p. 182)

Uma forma de interpretar a ritualização das relações com o rival através dos símbolos de torcida se dá no sentido da tentativa de apropriação da figura do rival pelo grupo, de modo a neutralizar ou extirpar seus elementos hostis. Florestan Fernandes, que separou os ritos de tratamento do inimigo entre os tupinambá em seis estágios, aponta para a função do processo de captura simbólica do cativo durante as cerimônias de preparação da vítima a ser sacrificada:

[...] as ações sociais atualizadas no decorrer da captura simbólica da vítima tinham por fim a reapropriação, por meios violentos, da pessoa do cativo. Nesse sentido, os ritos de captura simbólica constituíam um marco no processo de separação da vítima do “nosso grupo”: daí em diante ela estava para os tupinambá na relação pura e simples de “estranho” e a sua consagração ao espírito que ia receber o sacrifício devia transcorrer como uma medida de segurança para a coletividade. (FERNANDES, 2006, p. 309]

Encontramos entre as representações torcedoras o mesmo processo de “captura simbólica” do inimigo, através do qual é possível socializar entre os torcedores de um time os processos de destruição do oponente. Abaixo, temos alguns exemplos da simulação de uma captura nas manifestações de torcidas organizadas do Vasco, do Flamengo do Piauí, do Palmeiras e do Corinthians:



Outra ritualização presente nas tradições torcedoras é o costume de furto de um objeto simbólico do inimigo, como uma camisa, uma faixa ou uma bandeira, e exibi-lo como um troféu diante do seu grupo. Frequentemente, esses objetos são expostos de acordo com um referencial de desmoralização do adversário. A canção “Cheiro de Pano Queimado”, da Força Jovem do Vasco, narra justamente a prática de atear fogo aos símbolos rivais, como forma de demarcação da força e soberania de determinada comunidade em relação a outra. Na primeira estrofe da música, notamos a presença da comunicação de valores guerreiros e a fixação dos ideais coletivos de acordo com princípios fundados na coragem: “Cheiro de pano queimado/Canhão foi esmagado/ E o seu lado foi tomado/ Minha torcida é um esculacho/ Sou o terror do Rio/ Eu sou da Força Jovem Vasco”. A seguir, algumas imagens ilustrativas dessas manifestações serão importantes para compreensão do movimento ritual tratado nesse parágrafo.



As primeiras duas imagens apresentadas merecem uma análise conjunta. No primeiro caso, verificamos uma camisa do Flamengo – time que reúne uma ampla rede de rivalidades no estado do Rio de Janeiro – sendo queimada pela torcida vascaína, clube que é o seu maior rival no estado. Os dois clubes de futebol trazidos como exemplo são considerados extremamente tradicionais dentro do contexto nacional, e, por esse motivo, as relações afetivas e combativas tendem a ser, naturalmente, mais intensas. É claro que essas tendências se reproduzem, de maneira mais ou menos aflorada, de acordo com os estados do país e com a origem e representatividade dos times. A segunda figura, no entanto, ao apresentar a torcida brasileira, identificada pela clássica camisa amarelinha da Seleção, abrasando um símbolo nacional do futebol argentino, revela um momento ritual em que as rivalidades internas são deixadas de lado, e o país pode então vivenciar uma “experiência de união e de totalização do país em [torno de] algo concreto” (DA MATTA,

1982, p. 34).

Essas figuras também revelam como os inimigos são constantemente trazidos à coletividade como um intermediário para o atingimento do êxtase coletivo. Ademais, a socialização de uma prática que, a princípio, é individualizada (o furto e o abrasamento de um símbolo rival), é uma das principais motivações do movimento ritual, como expôs Carlos Fausto. O elemento representativo do rival, no entanto, deve passar por um processo de “purificação” antes de ser integrado ao grupo, que, nesse contexto, se exprime pelo fogo e pelo simbolismo da camisa de ponta-cabeça (no caso da terceira imagem). Conforme o pensamento de Florestan Fernandes, sabemos que os rituais de purificação da vítima a ser sacrificada na sociedade tupinambá destinavam-se essencialmente a remover os elementos perigosos que o inimigo ou seu espírito pudessem oferecer à tribo. Assim, proponho articular essa visão ao tratamento “cerimonial” dado aos rivais na dinâmica do futebol, que interpreto como uma expressão da antropofagia nas relações torcedoras. A ritualização da antropofagia, nesse caso, sugere um particular entendimento do Outro e da diferença na composição da identidade individual e coletiva. Retomando o pensamento de Florestan Fernandes:

Como se vê, a noção de vingança se polarizava de modo particular em cada uma das constelações de ações sociais que se integravam aos ritos de “destruição” dos inimigos. As graduações implícitas nessa polarização deixam entrever: 1) que o massacre da vítima representava a condição *sine qua non* da vingança, no sentido preciso de que a consumação desta dependia diretamente da relação sacrificial; 2) que os ritos de purificação se ligavam a ela indiretamente, como evidência de que o sacrifício da vítima atingira o seu fim cerimonial [...]. (2006, p. 360)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou apresentar as ressonâncias mais explícitas do pensamento guerreiro ameríndio dentro do cenário futebolístico, em especial no que se relaciona às dramatizações sociais desenvolvidas pelas torcidas organizadas. Há, no entanto, similaridades infinitas entre esses dois fenômenos, não apenas nas formas de organização social delimitadas pela guerra, como também correspondências de nível cosmológico, dentre as quais podemos destacar, principalmente: a identificação dos grupos indígenas a determinados animais como seus próprios familiares e a identificação dos clubes aos mascotes (quase sempre representados por animais também), a veiculação da linguagem militar nos cantos de guerra, o simbolismo da alteridade na formação da identidade coletiva, a circularidade das motivações guerreiras de vingança nas tribos ameríndias e nos campeonatos, entre tantos outros aspectos. São tantas correlações que parece inconcebível pensar algumas ritualizações sociais efetuadas pela massa brasileira sem a presença do elemento indígena como referencial. Acredito que essa é uma tendência, talvez

inconsciente, que leva à formação de uma cultura coletiva de acordo com um pensamento essencialmente decolonial. Frantz Fanon (1968, p. 42) aponta que “no mundo colonial a afetividade do colonizado se mantém à flor da pele”, e é essa afetividade que emerge nos vínculos desenvolvidos pela dinâmica do futebol, que compreende tanto as ligações de afinidade como as de inimizade, mas sempre colocando a familiaridade e a alteridade dentro de um mesmo contexto relacional. Inere-se, portanto, que “torcer é fustigar a esfera segura da individualidade e, nessa medida, seria como que experimentar extensões, torções e projeções do ‘eu’ na esfera pública [...]” (TOLEDO, 2010, p. 09).

Ainda, conforme Da Matta (1982, p. 39), “[...] é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato com o permanente de seu mundo social.” Por isso, as expressões das torcidas são importantes parâmetros para a compreensão das estruturas e dos tensionamentos sociais que surgem no Brasil. No futebol, a paixão, o êxtase, a guerra, e todos esses sentimentos ambíguos e contraditórios, são experimentados em um plano que é, de fato, a extensão da própria vida. Nessa conjuntura, a massa popular encontra a oportunidade de recriar uma sociedade e uma história nas quais a existência adquire um sentido concreto e bem demarcado. Florestan Fernandes (2006, p. 407) afirmou, em sua brilhante obra sobre a dinâmica bélica entre os tupinambá, que “[...] a análise da guerra na sociedade tupinambá ilustra de maneira cabal, com referência a um fenômeno concreto, como a religião e a magia funcionavam como processo de consciência social”. E é justamente esse ponto de vista que deve ser ampliado à esfera do futebol, como fenômeno que recria, nos campos, nos estádios, nos bares, nos churrascos, novas formas de sociabilidade e novos universos de relacionamento dentro da sociedade hierarquizada brasileira.

Além disso, a apropriação do futebol pelas sociedades indígenas como veículo de agregação e reivindicação política é outro fato que merece atenção. Forte exemplo disso são os Jogos dos Povos Indígenas, evento que reúne diversas modalidades esportivas, mesclando os esportes tradicionais indígenas e alguns dos ditos “esportes modernos”. Criado pelos irmãos Marcos e Carlos Terena, o evento teve sua primeira edição em 1996, e, desde então, tem acontecido anualmente ou bianualmente. Viabilizando a união e debate entre diversos povos através de um evento que se fundamenta nos “jogos” e nas “brincadeiras”, os Jogos têm constituído um importante mecanismo de integração dessas sociedades em torno de fins comuns de reivindicação.

Dos esportes “ocidentais” apropriados pelas sociedades indígenas, certamente o futebol é o que mais mobiliza as emoções sociais e permite a veiculação dos ideais guerreiros, como a honra e a tradição. A forte adesão dos povos indígenas ao futebol atesta a força política do esporte, não só como vetor de socialização, mas também como um sistema de relações movido por ideais coletivos que incitam a formação de novas formas de sociedades.

REFERÊNCIAS

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade Contra o Estado 4ª Edição**. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1988.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto e outros. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FAUSTO, Carlos. **Da Inimizade: forma e simbolismo da guerra indígena**. In: A. Novaes (ed.), **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade tupinambá**. São Paulo: Globo, 2006.

PERALVA, Angelina. **La violence au collège: une étude de cas**. Paris, Relatório de pesquisa, CADIS/CNRS, 1996.

TEIXEIRA, R. C. **Torcidas Jovens Cariocas: símbolos e ritualização**. Esporte e Sociedade. Niterói, n. 02, 2006.

TOLEDO, Luiz Henrique de; MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcer: a metafísica do homem comum**. Revista de História: São Paulo, n. 163: p. 175- 189. Jul/dez. 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Algoritmos 9, 10, 31, 35, 36, 37, 38, 40, 93
Algoritmos no Facebook 10, 31, 36
Atividades Complementares 11, 85, 86, 87, 94, 95

B

Brincadeiras de criança 10, 70, 74

C

Canais Infantis 9, 10, 70, 71, 74, 75, 79
Ciberespaço 10, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 45, 56, 58, 59, 68, 82
Cidade 9, 11, 12, 57, 63, 96, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 205, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229
Cinema 9, 11, 98, 100, 101, 103, 104, 108, 109, 134, 166, 167, 176, 218, 219, 220, 225, 227
Comissão da Verdade 9, 104, 105
Comunicação 2, 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 13, 16, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 35, 42, 43, 44, 47, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 144, 162, 164, 168, 176, 177, 178, 188, 190, 191, 193, 199, 204, 210, 217, 223, 224, 225, 230
Covid-19 9, 10, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 21, 23, 30, 181

D

Diálogo 1, 35, 59, 67, 104, 107, 129, 132, 139, 140, 141, 143, 147, 150, 154, 155, 156
Diretrizes Curriculares 11, 85, 86, 95, 96
Discurso Jornalístico 11, 110, 111, 112, 119, 121
Dispositivos educativos 9, 11, 85

F

Facebook 9, 10, 21, 23, 24, 31, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54
Ficção 9, 12, 168, 177, 178, 184
Ficção Seriada 9, 177, 178
Futebol 9, 12, 190, 191, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216
Futebol Brasileiro e Português 12, 204

G

Gestão de conhecimento 9

Guerra Ameríndia 9, 12, 190, 193, 196

I

Influenciadoras Digitais 70

Instagram 10, 21, 23, 24, 56, 57, 59, 63, 64, 65, 66

L

Letramento Digital 9, 11, 122, 126

M

Magazine Luiza 10, 56, 57, 61, 63, 64, 66, 67

Marca 11, 2, 21, 22, 54, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 162, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 187, 217

Materialidade Discursiva 111

Mediação 11, 33, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 193, 221

Memória 11, 35, 47, 56, 81, 98, 99, 111, 112, 114, 116, 117, 124, 178, 185, 196

Meninas 9, 10, 70, 76, 80

Método Kominsky 9, 12, 177, 178

Mídia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 22, 33, 35, 41, 42, 45, 46, 55, 70, 73, 74, 75, 77, 80, 82, 83, 89, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 128, 130, 144, 174, 175, 207, 218, 219, 220, 225, 226, 227, 228

Mídias independentes 9, 10, 1, 5, 6, 7, 8, 13

Midiatização 31, 33, 34, 35, 40, 42, 72, 74, 82, 84

N

Novas Diretrizes Curriculares 11, 85

Novo normal 9, 10, 17, 18, 26, 29

O

Ordem 11, 24, 36, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 192, 197, 223, 225

Os Experientes 12, 177, 178, 182, 183, 184, 186, 187

P

Pandemia 9, 10, 1, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

Pastor Cláudio 11, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Poder 9, 3, 5, 7, 10, 15, 16, 32, 33, 36, 37, 40, 41, 58, 72, 74, 83, 90, 114, 117, 118, 119, 125, 130, 134, 139, 147, 148, 149, 151, 152, 167, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 207, 221

Poderes da Comunicação 2, 9

Práticas de consumo 34, 36, 72, 81, 83

Publicações 10, 1, 2, 9, 13, 43, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 92, 93, 108

Publicidade 10, 31, 33, 34, 36, 40, 42, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 118, 119, 122, 188

Publicidade e Conteúdo 10, 70

R

Redes Sociais 9, 10, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 36, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 61, 62, 67, 74, 87, 93, 94, 108, 128, 168, 170, 222

Rio de Janeiro 11, 16, 42, 81, 83, 84, 96, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 143, 144, 175, 176, 188, 190, 200, 203, 209, 215, 216, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 227, 228, 229

S

Star Wars 9, 11, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 184

U

Universidades 10, 11, 43, 44, 46, 52, 53, 54, 86, 149

Y

Youtube 10, 62, 70, 83

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação

3



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021